

Prevista lei sobre sectores económicos

Francisco Balsemão advoga criação de bancos privados

Falando ontem, numa conferência de Imprensa realizada em Davos, na Suíça, onde se deslocou para participar num simpósio internacional, o primeiro-ministro, Francisco Balsemão, declarou-se favorável à criação de bancos privados em Portugal...

Na mesma conferência de Imprensa, o ministro do Comércio e Turismo, Alexandre Vaz Pinto — que o acompanhou na visita e ficou mais um dia, na Suíça — declarou-se «confiante na concretização do projecto de instalação de uma fábrica Ford em Portugal, com uma capacidade de produção de 200 mil automóveis por ano».

meiro-ministro Pinto Balsemão reafirmou que o seu Governo atribui uma «prioridade total» às negociações de adesão à Comunidade Económica Europeia. E acrescentou: «A adesão não representa uma opção puramente económica, mas constitui também uma escolha de modelo de sociedade».

tém na capacidade produtiva dos nossos trabalhadores». Por tudo isso, sublinhou o primeiro-ministro nas suas declarações aos jornalistas que o aguardavam, «estão abertas as portas ao grande investimento estrangeiro».



Lech Walesa: mais um objectivo alcançado

Sindicatos anunciam acordo com Varsóvia

O Governo e o Solidariedade chegaram a um acordo quanto à questão da redução da semana de trabalho e acerca do acesso do sindicato aos meios de comunicação social, declarou um porta-voz do movimento sindical livre polaco, na sexta-feira à noite, ao cabo de longas negociações na sede do Conselho de Ministros, em Varsóvia.

face da difícil situação económica do país, se trabalhará durante este ano, um sábado em cada quatro. A duração do trabalho no sábado não-livre foi fixada em seis horas, mas o sindicato vai pedir aos filiados que trabalhem oito, como em qualquer outro dia da semana, acrescentou o porta-voz.

Figueiredo hoje em Lisboa

Cooperação técnica nas negociações luso-brasileiras

O presidente do Brasil, João Baptista Figueiredo, que hoje chega a Portugal para uma visita oficial de quatro dias, assinará amanhã, na Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, o «ajuste complementar ao acordo básico de cooperação técnica entre Portugal e o Brasil».

Ramalho Eanes, em entrevista ao «Jornal do Brasil», disse esperar que a visita seja proveitosa do ponto de vista do conhecimento da realidade portuguesa e que favoreça a concretização das aspirações dos dois povos.

Por outro lado, em meios ligados à comunidade portuguesa do Brasil, citados pela France Press, considera-se que a visita de João Figueiredo ao nosso país «abre boas perspectivas de relacionamento político entre as duas nações-irmãs, ambas a atravessar uma profunda evolução interna dos respectivos sistemas. Essa perspectiva e compartilhada noutras áreas onde se qualifica a deslocação como prometedora para o futuro das relações luso-brasileiras. Acresce a circunstância de que tanto o Brasil como Portugal têm importantes interesses, respectivamente na Europa e no continente africano, o que, por si só, justifica um exame atento das questões que se levantam para evitar colisões, tornando complementares esses mesmos interesses».

Está, por outro lado, também previsto para amanhã, um encontro entre os responsáveis governamentais pelo sector das Finanças, respectivamente Ernane Galvães e Moraes Leitão. Sabe-se igualmente, que o presidente do Brasil discursará, durante o encontro que terá depois de amanhã na Feira Internacional de Lisboa, com empresários portugueses e brasileiros.



Fernando Mamede não deixou os seus créditos por mãos alheias, e, após uma prova que foi um verdadeiro contra-relógio, ganhou como quis

Vitória da classe e do "coração" Mamede e o Sporting campeões europeus

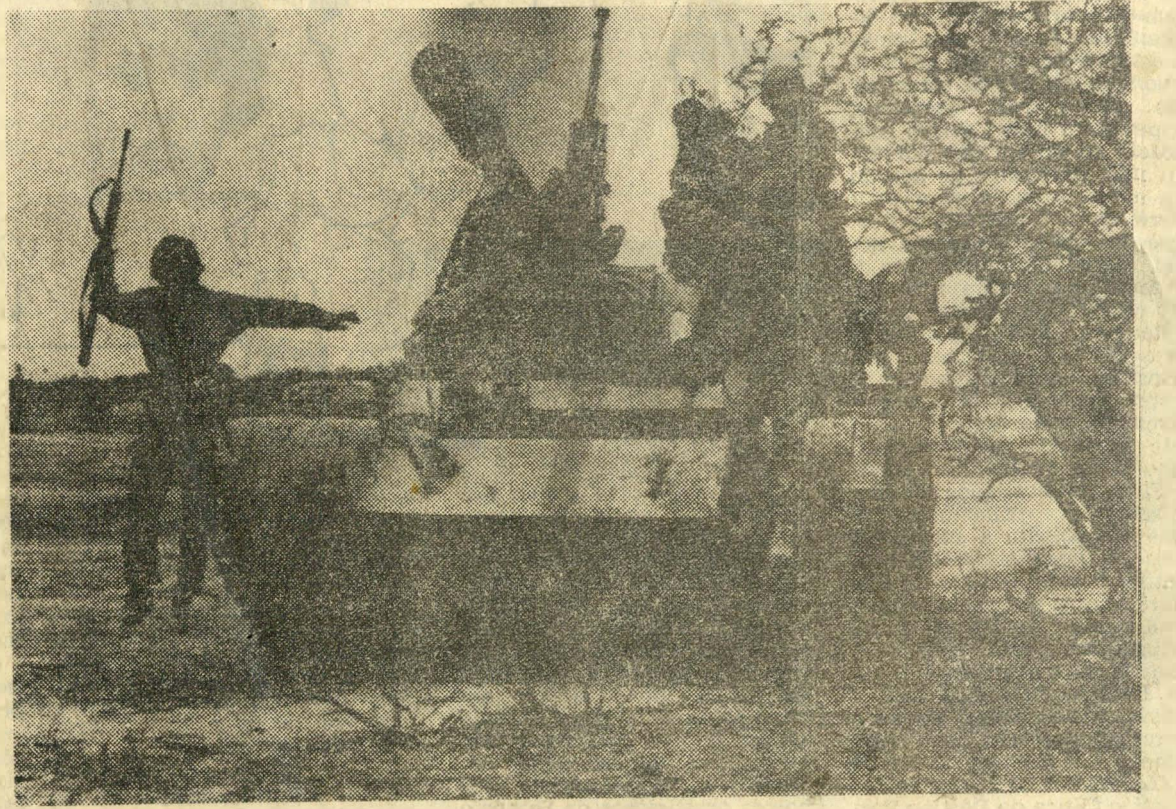
Fernando Mamede e o Sporting alcançaram brilhantes vitórias (individual e colectiva) na Taça dos Campeões Europeus de Corta-Mato, disputada ontem à tarde no hipódromo de Varese, próximo de Milão.

Para a vitória da equipa, contribuiu, a seguir, o quarto lugar de Carlos Lopes, verdadeiramente inesperado, pois o velho campeão tem estado a ressentir-se de uma tendinite. Mas Carlos Lopes, com aquele brío que se lhe conhece, realizou uma última volta em andamento diabólico, subindo à posição que viria a reforçar o direito do Sporting ao primeiro lugar colectivo.

Faltava o terceiro homem — e esse foi Aniceto Simões, «chegado em 15.º», o que garantia, em definitivo, o triunfo colectivo. Foi a terceira vitória do Sporting na Taça e a segunda vitória individual (a primeira coube a Lopes, em 77). Sequiera Andrade, enviado especial do «DN», descreve as suas impressões na crónica que publicamos na página 12.

"Manhã Submersa" seleccionado para o Oscar

(Pág. 11)



Novos incidentes entre Peru e Equador. Continua a tensão na fronteira entre o Peru e o Equador, onde aviões peruanos voltaram a atacar um posto militar equatoriano, como noticiamos na página 5. Na foto, soldados e blindados do Peru tomam posições num dos pontos da fronteira entre os dois países, região onde, nos últimos três dias, se têm intensificado os incidentes

Referindo-se à unidade europeia

Alexander Haig criticou medidas protecctionistas

A unidade europeia começou a tomar a forma de protecctionismo comercial, segundo a opinião expressa pelo secretário de Estado americano, Alexander Haig, ao «Jornal francês «Le Figaro».

Noutro passo das suas declarações, Alexander Haig afirmou: «A nossa força militar é a garantia da nossa liberdade, e deve saber-se que estariamos dispostos a utilizá-la se fosse necessário».

Sistema fiscal

O ministro das Finanças e do Plano, disse ontem em Castelo Branco que o sistema fiscal «terá de ser e será a alavanca do progresso económico e social do País. Moraes Leitão falou na homenagem que publicamente foi prestada ao director de Finanças de Castelo Branco.

Memória de um voo

Em 31 de Janeiro de 1931, o maior hidroavião até então construído, o «DO-X», um gigantesco aparelho de 12 motores, levantava voo do rio Tejo, levando a bordo, entre os passageiros, o almirante Gago Coutinho. Algumas horas depois, o avião amarrava em Las Palmas, no que se planeava ser apenas uma escala de um longo voo que, fazendo a rota seguida por Gago Coutinho, nove anos antes, levaria o «DO-X», ao Brasil. No entanto, um conjunto de avarias retirou o brilho a viagem.

Desporto

Juca responde às perguntas de Antonio Castro. A entrevista merece lugar de relevo na página 11, além da crónica sobre o cortamato, falamos dos jogos antecipados para ontem na Taça de Portugal. Mas neste capítulo o melhor que temos para oferecer vem na página anterior, com reportagens sobre o U. Coimbra, Rio Ave e Campomaiorense, os adversários respectivamente do Benfica, FC Porto e Belenenses nos jogos de hoje.

Tempos Livres

Para esta semana o tema é a gloriosa luctura do modelismo automóvel. Se a sua paixão é o automobilismo de competição não perca, nesta edição dos Tempos Livres, uma entrevista com João Campeão de Freitas, um funcionário da Lisnave que, após os seus momentos de lazer a construir réplicas exactas dos bólides que aceleram em Le Mans — entre outros... A sua actividade ultrapassou, mesmo, as nossas fronteiras, e os modelos, perfeccionistas, que saem das suas mãos figuram já em muitas colecções estrangeiras. Nos Tempos Livres temos as habituais secções, com relevo para a Filatelia, dedicada à exposição de selos brasileiros patente em Lisboa no âmbito da visita do Presidente Figueiredo. Mas há ainda um artigo sobre os besteiros do século XX, a actividade desportiva muito desenvolvida na Europa central, em que a arma para o tiro ao alvo é a besta ou balestra, conhecida e usada há dez séculos.

Exposição canina

Cerca de 500 exemplares, das mais diversas raças, compareceram, ontem, à desfilada na FFL, marcando a LXXIV Exposição Canina Internacional de Lisboa. Assinalam-se, assim, os 50 anos de actividade do Clube Português de Canicultura. Os prémios são atribuídos hoje e vão, por certo, satisfazer a natural exultância e vaidade dos donos de «belos concorrentes». Os cães de guarda predominam, ou não sejam estes o mais fiel amigo do homem...

Familia

Uma gruta pode ser resultante de duas diferenças, para os quais não se tem, prontamente, a vacina apropriada. Todavia, os étnicos podem, em grande medida, contribuir para o rápido isolamento de determinado vírus, se notificarem os doentes que assistem, colaborando, assim, com os Centros Nacionais de Gripe estabelecidos pelo mundo e financiados sob a égide da Organização Mundial de Saúde. Existem, entretanto, vacinas adequadas e estímulos mais generalizados, as quais devem ser adoptadas como medida preventiva e muito especialmente nas crianças. O Suplemento Família aborda, hoje este assunto, propondo-nos o lido, ainda, outros temas que, por certo, lhe agradarão.

Encontros com a escrita

As respostas frontais de José Cardoso Pires

Na página 7, o escritor José Cardoso Pires responde a perguntas... É a primeira de uma série de entrevistas que o «DN» publicará, quizenalmente, com escritores portugueses, procurando ir mais longe, mais além do que em geral o público da vida e da obra dos nossos ficcionistas. É um intento de «esvendar uma personalidade, na convicção de que o conhecimento desta sempre contribui para a melhor compreensão da obra literária. Um diálogo vivo, por vezes indiscreto, quase sempre polémico, é a aposta que fez o nosso jornal nestes encontros com alguns dos nosso principais autores. A primeira, que hoje se publica, é um bom exemplo desse diálogo.

longo de um texto que resume uma conversa de mais de cinco horas entre José Cardoso Pires e Mário Ventura, são-nos reveladas, com a mesma emotividade que caracteriza muitas das páginas do escritor, as experiências dramáticas que mais marcaram a sua personalidade, as suas reacções em face da vida e da morte, o surgimento da sua vocação de escritor, algumas dúvidas e perplexidades, etc. Da mesma forma, as suas opiniões sobre a literatura, o público e os «críticos», opiniões quase sempre polémicas e contra-vertidas, são apresentadas à opinião pública com uma clareza meridiana que, sem dúvida, despertará nos leitores um redobrado interesse pela obra do autor de «O Hospede de Job» e «O Delírio».

Table with 2 columns: Category and Page number. Includes Necrologia, Espectáculos, Estado do tempo, etc.

PALAVRAS DE ONTEM. «Alegrem-se os corações que o mau tempo lembrou-se de nós.» Reflexões em «A Tarde».



# Entrevista com José Cardoso Pires

(Continuado da 7.ª página)

tica. Do ponto de vista criativo e da sua função, ele ultrapassa-a. Não se pode esquecer um caso concreto. O Hemingway, quando escreveu «Por Quem os Sinos Dobram», foi acusado de atitudes anarquistas, porque atacava uma série de figuras políticas de esquerda, das Brigadas Internacionais. Acabou por se verificar que justamente as pessoas que ele criticava, foram condenadas pela História.

*MV — Há uns anos dizias-me que vivíamos numa sociedade à espera. E hoje?*

JCP — A nossa sociedade, neste momento, tem consciência de uma profunda contradição que procura amortecer. Por um lado temos a consciência de que somos um país de fraco potencial económico, mas continuamos a pensar em termos e com propostas de nações ricas.

Isto é: falamos do Mercado Comum, por exemplo, como se a CEE fosse uma etapa que tivéssemos de conquistar, como um objectivo muito importante, e esquecemos que o Mercado Comum só nos aceitará se alguém ganhar com isso. E esse alguém não somos nós. Só lá entraremos, com a economia, a agricultura e os minérios que temos, se isso interessar a alguém. Mas cultural-

mente, tudo parte desta verdade: miséria e liberdade são antagonistas. Não há liberdade com miséria. Por isso, é extraordinariamente contraditório planificar uma social-democracia em terreno pobre, e com os acessos individuais e culturais de uma sociedade de consumo. De resto, mesmo nos países ricos, a social-democracia está em crise. Somente, essas colectividades ricas têm capacidade de absorver as suas próprias contradições, e arranjar novas propostas de regime onde as liberdades efectivamente se mantenham.

*MV — Por que é que, publicando tão pouco, não apareces mais nos jornais?*

JCP — Porque realmente estou muito mais preocupado com aquilo que estou a escrever. Tenho 55 anos, ainda me restam muitas coisas para dizer, e quero contá-las.

*MV — Em que é que acreditas neste momento?*

JCP — Acabamos de nos salvar de ter um Presidente da República que foi censor e fornecedor de campos de concentração. E isto faz-me crer que, apesar da passividade portuguesa, o passado não voltará com facilidade.

*MV — És optimista, pois...*

JCP — Nunca se chegará, acredito, aos dias tenebrosos já vividos.

JCP — Sim, não tenho respeito pela gramática.

*MV — Que conselhos darias a um futuro escritor?*

JCP — Conselhos? Quando muito, posso lembrar-me de duas linhas de experiência, a primeira das quais é esta: não há regras.

*MV — Como assim?*

JCP — Não há regras. Ou se as há cada um inventa-as para uso próprio. Por exemplo, eu, para mim costumo deixar à solta os meus vícios e as minhas obsessões no acto de escrever. É uma regra? Não sei. Sei que assim liberto melhor o meu angulo pessoal, o meu canto privado donde transfiguro o real comum. No fundo o que define o escritor é isso, é descobrir por si próprio novas relações de comportamento.

*MV — Apenas isso?*

JCP — Também confio nos acasos e surpresas da escrita, é outro ponto a que me agarro. A ficção não é uma organização matemática nem funciona como uma demonstração mais ou menos elíptica. Funciona ocultando e provocando. Costumo dizer que a primeira coisa necessária para escrever é saber gramática, a segunda é esquecê-la. Mas, é claro, todo o escrever se faz num diálogo com ninguém, é um discorrer solto e vigiado ao mesmo tempo. Há uma lógica interna, interna do autor e da própria escrita, que comanda a narrativa e que dá autonomia aos personagens, não achas isso?...

*MV — Acontece, é certo.*

JCP — E quanto ao tom, a voz, cada um é como cada qual. Eu, pela minha parte tento «escrever no gume da faca», desenvolver a frase naquela linha em que qualquer excesso

para mais ou para menos abra golpe e desequilibre. Em todo o caso prefiro pecar por não ser suficientemente directo a cair no óbvio ou na redundância. O tal risco, não sei se fui claro...

*MV — Para mim, sim.*

JCP — Outra coisa que me parece essencial é o compromisso que se estabelece quando nós sentamos à escrita. Começa-se a contar porque se acredita, porque se vai fazer qualquer coisa única e jamais dita. Caso contrário não valeria a pena, está visto. Mas o que se escreve vai-se apossando de nós e vamos nos apercebendo do inatingível. Então há que abandonar ou prosseguir. E se prosseguimos é porque confiamos em que, por dentro dessa leitura, há muitas cargas dispersas, muitas insinuações estratificadas que com o tempo tendem a aclarar-se e a impor-se. Isto porque os bons livros são como os bons vinhos, ganham cores e reflexos com o tempo.

*MV — Como é que escreves?*

JCP — Escrevo sempre dentro do maior isolamento e na maior anarquia. Não tenho horas para escrever, de um modo geral agora escrevo de madrugada, mas escrevo levantando-me, acordando... Levantome da cama, começo a escrever, e estou por exemplo, das quatro da manhã até às oito a escrever. Deito-me outra vez, e depois posos começar à tarde... Quer dizer, escrevo sem regra.

*MV — E quantas vezes reescreve o que faz?*

JCP — Depende... Nunca me sai uma coisa definitiva à primeira nem à segunda vez. De um modo geral, faço versões

diferentes. Este livro que estou a fazer, por exemplo, já tem duas versões, a segunda diferente da primeira.

*MV — E O Delfim, por exemplo?*

JCP — Teve três versões integrais, e a definitiva totalmente diferente das outras duas.

(Em *E agora, José?* Cardoso Pires escreveu: «Passados quarenta e seis anos sobre o estabelecimento desse compromisso, o declarante, que agora exerce o ofício de escritor e se encontra na plenitude dos seus direitos cívicos e políticos, e portanto das prerrogativas ali consignadas, verifica que, embora tenha cumprido todos os deveres que assumiu pela referida declaração de nascimento, nunca a segunda parte contratante, o Estado, respeitou as obrigações a que se comprometeu para com ele.»)

*MV — És capaz de te descreveres a ti próprio em poucas palavras?*

JCP — É um bocado difícil... Tentei isso num texto de *E agora, José?* Talvez uma pessoa que desconfia muito das suas próprias contradições, e que vive numa esperança desesperada.

*MV — Como consegues conciliar isso com o optimismo há pouco apregoado?*

JCP — É que eu não me disse optimista, opus-me foi ao derrotismo.

*MV — Não tenho mais perguntas.*

## Pontuação? Pontua-se como se respira

*MV — Tens alguma receita para colocação de pontos e vírgulas?*

JCP — Eu acho que não. A pontuação é extremamente arbitrária. Há umas regras que vêm na gramática que se

aprende na quarta classe, e que são arbitrarias como as outras. Pontua-se como se respira.

*MV — Obedeces mais à respiração que às regras da gramática.*